SAUDAMOS A DECLARAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA DE QUE MOÇAMBIQUE NÃO SE ENCONTRA SÓ

SU-007

27/2/81

— afirma Marcelino dos Santos a jornalistas em Moscovo

MOSCOVO, 26 — A pedido dos orgãos da Informação soviética, para todos os orgãos da Informação da Rússia Sovietica, Rádio Moscovo Novosti, revista Afrique-Asie e Prensa Latina, o chefe da delegação do Partido FRELIMO, Major-General Marcelino dos Santos, concedeu na tarde de ontem uma conferência de imprensa no hotel onde se encontra hospedado.

Pela sua importância passamos a reproduzir na integra as declarações do Secretario do Comité Central para a Politica Económica do Partido FRELIMO:

PERGUNTA — Qual a impressão da delegação do Partido FRELIMO sobre Vigesimo Sexto Congresso e sobre o relatorio do Comité Central do PCUS apresentado pelo seu Secretário-Geral, Leonid Brejnev?

MARCELINO DOS SANTOS — Para nós é uma grande honra e um grande prazer participar no 26.º Congresso do PCUS, e temos seguido com muita atenção o desenrolar dos trabalhos. É um prazer ver a importância do Congresso no fundamental e o trabalho realizado nos últimos cinco anos.

Sobre o quinquénio que termina, ouvimos o balanço que foi apresentado. Pudemos ver a importância das grandes conquistas realizadas nestes últimos cinco anos.

Primeiro, na construção do Homem Novo. Tudo o que se realiza no plano material, é para a formação do Homem Novo Socialista. O homem que se pode ajustar às novas bases materiais e técnicas da nova sociedade.

Creio que todos estamos conscientes da importância do novo homem, aquele que é capaz de assegurar a nova sociedade e a revolução

Segundo, o desenvolvimento economico e social do povo soviético. Ouvimos os grandes avanços no desenvolvimento nos campos agrícola, industrial e da ciência. Ouvimos também a análise sobre a situação no plano internacional. E dos aspectos mais importantes é a qualidade da análise que é feita no relatório, uma análise marxista-leninista.

Isto aparece na prática — a capacidade de ver um problema, e como ele está a ser tratado, se o seu tratamento é feito de forma correcta. Isto significa que, todos os problemas se reflectem no papel e lugar que o homem toma na própria sociedade. Os sucessos alcançados e as insuficiências que ainda se registam, como foi focado várias vezes no relatório. Ainda há problemas e existem dificuldades que tem de ser superadas. Assim nós apreciamos a critica e autocrítica do relatório.

No plano internacional, apreciámos a clareza política e a clareza ideológica, o que significa no plano internacional uma posição correcta. Aquelas posições que afirmam a exigência da paz, do socialismo e da independência nacional. Posições que afirmam a condenação das intervenções nos assuntos internos de cada país. Que condenam o racismo. Uma posição correcta ao afirmar que o povo do Afeganistão tem o direito de impor a sua vontade, tem o direito de querer construir o socialismo, e o direito do Afeganistão de se apoiar nas forças revolucionárias para se defender das interferências externas.

Uma posição correcta é afirmar que «não queremos exportar a revolução, mas não vamos admitir que exportem a contra-revolução». Uma posição correcta é afirmar que o socialismo não se deixa, nem se deixará intimidar. É por isso que saudamos as posições do Secretário-Geral, Leonid Brejnev.

A clareza ideológica, as posições políticas firmes são sempre guiadas pela consolidação do socialismo e da paz no mundo.

As posições que são afirmadas pela URSS em relação a África. Sobre o desenvolvimento importante que tem sido realizado no nosso continente. Há países socialistas no nosso continente. Países socialistas subdesenvolvidos, mas países socialistas.

A comunidade socialista cresce e desenvolve-se, e o relatório afirma essa força e o seu crescimento contínuo. Países que, como Moçambique, são bastiões do socialismo em África. E por esse facto, são também retaguardas seguras para os movimentos de libertação.

A unidade da comunidade socialista afirmada pelo Camarada Brejnev exprimiu também esta vontade e preocupação. Exprimiu mais do que isso —, exprimiu a unidade de todas as forças democráticas e revolucionárias do mundo. Inclusive as forças que estão a lutar pela sua libertação, que estão a lutar contra o neocolonialismo, racismo e «apartheid». E esta realidade contida no relatório está manifesta na própria sala do Congresso.

Este Congresso é um grande encontro político, uma grande festa política. São festas do tipo novo. Festas onde nos reunimos para melhorar e tratar do bem-estar do povo. Tratar da defesa e consolidação da paz, uma paz que é a exigência dos povos e que os povos vão impor.

Este Congresso do PCUS é um encontro político de todas as forças políticas progressistas do mundo. Basta ver a massa humana de todos os continentes e o povo soviético, ali representados por todos os delegados.

Tivemos a ocasião de contactar os delegados e sentir o seu calor e amizade para connosco. A delegação moçambicana saúda o Camarada Brejnev pela qualidade da análise apresentada em prol da vida soviética e do povo soviético.

Saudamos a firmeza das posições políticas que são um grande triunfo e progresso dos povos.

P. — Como aprecia a situação das relações soviético-moçambicanas e entre os dois partidos, o Partido FRELIMO e o PCUS?

M.S. — A recente visita do Presidente Samora Machel à URSS foi um grande marco para o reforço das nossas relações. Como disse, o Presidente Samora Machel permitiu colocar as relações entre os nossos Partidos numa fase mais adulta. Porque, em certa medida, é a consolidação da comunidade socialista que existe em vários continentes e neste caso no continente africano. O desenvolvimento da comunidade socialista traz novas responsabilidades para essa mesma comunidade. E, para o nosso caso, trata-se de ver como Moçambique assume as responsabilidades na área.

Recentemente, a África do Sul agrediu o nosso país, mas, devemos dizer que foi uma violação para nós, mas ao mesmo tempo uma lição de que é necessario tomar medidas e posições para quebrar com este acto criminoso. Aqui põe-se o problema da responsabilidade do socialismo na área. Esta responsabilidade tem de ser assumida por Moçambique que não recuará nunca perante tais responsabilidades.

É toda esta concepção que se revela, através da visita do Presidente Samora Machel à URSS.

A África do Sul disse que foram agredir as bases do ANC. Mas o Camarada Presidente Samora Machel no comício publico de 14 de Fevereiro mostrou que isso não era verdade. Já anteriormente a África do Sul veio apoiar Portugal, ainda durante a guerra de libertação nacional, mas nessa altura não havia em Moçambique bases do ANC. Estiveram cerca de dois meses nas fronteiras mas recuaram porque começaram a ser liquidados.

Em 1975 quando da invasão de Angola, não se pode dizer que estivessem a perseguir o ANC. O que fica claro é que a África do Sul é o bastião do imperialismo na África Austral. O que eles querem é impedir a libertação e emancipação dos povos. O que eles querem é impedir Moçambique de construir o socialismo.

A solidariedade expressa pela comunidade socialista e pela comunidade internacional reflecte essa consciência. A consciência de que o povo moçambicano tem o direito de construir o socialismo, porque ele assim o decidiu. Esta é a exigência do povo moçambicano: materializar as suas aspirações.

Aproveitaria esta ocasião, em que me dirijo aos órgãos de imprensa soviéticos, para agradecer a toda a comunidade internacional por todo o apoio e solidariedade, pelas posições assumidas, face a agressão sul-africana ao nosso país. Declaramos que continuaremos sempre a assumir as nossas responsabilidades de construir o socialismo, de ser o bastião do socialismo na África Austral.

Permaneceremos retaguarda segura para com todos os movimentos de libertação. Apoiamos o ANC, continuaremos a apoiar a SWAPO contra o colonialismo sul-africano. Declaramos que o nosso futuro esta indissoluvelmente ligado ao povo da Africa do Sul na luta contra o «apartheid». Declaramos a unidade total entre o Partido FRELIMO e o ANC.

Como o Presidente Samora Machel disse, somos 35 milhões, 12 milhões de Moçambique e 23 milhões da África do Sul. Ressalvo aqui, que nem todos os sul-africanos brancos estão com o «apartheid». Há muitos brancos que estão connosco.

Queremos dizer ainda que Moçambique não está só, e a África do Sul e o imperialismo devem saber disso. Nestes dias estão em Maputo e Beira, barcos de guerra soviéticos em visita ao nosso país. O Presidente Samora Machel visitou um dos barcos, um cruzador, e declarou que as nossas relações são muito sólidas.

Saudamos a visita dos barcos soviéticos ao nosso país. Saudamos esta declaração da URSS de que Moçambique não está só. Este acto traduz na prática o que o Camarada Leonid Brejnev expressou no seu relatório: «não vamos admitir que exportem a contra-revolução». Estas são as relações existentes.

No campo económico as relações também se desenvolvem profundamente entre os dois partidos e estendem-se ao nivel dos nossos Estados e Povos.

A cooperação económica realiza-se bilateralmente e também através do CAME. E já em Março próximo teremos muito prazer em receber uma delegação do Soviete Supremo da URSS, o que decerto aprofundará as nossas relações.

P. — Como aprecia a actividade do Comité Soviético de Solidariedade para Africa e Ásia?

M.S. — O trabalho e a actividade deste Comité é a expressão do desenvolvimento, do crescimento dos povos da África e da Ásia. Falámos do desenvolvimento do socialismo em todos os continentes. Mas ao mesmo tempo muitos outros povos atingiram um nível apreciável na luta contra o capitalismo. Deram-se novas vitórias na luta contra o neocolonialismo.

Vitórias no Vietname, Laos, Campuchea, Etiópia, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Afeganistão. Vitórias da Frente POLISARIO, da FRETILIN, as lutas na Namíbia pela SWAPO e na África do Sul pelo ANC. Mas temos reversos e recuos, como é o caso de Camp David.

Devemos dizer portanto que o balanço é bastante positivo, mesmo lá onde as vitórias não puderam libertar os povos. Nós ouvimos os gritos da França sobre o Chade e devemos compreender isso como uma derrota do imperialismo. Portanto o balanço é positivo.

Como avaliar o papel do Comité Soviético de Solidariedade? Estes resultados foram também influenciados pelo Comité. A nossa própria experiência, a independência de Moçambique foi obtida com o apoio deste Comité. Mesmo agora, na consolidação da nossa independência, o seu papel tem sido importante. Em Março vamos receber uma delegação do Comité Soviético de Solidariedade para África e Ásia.

Esta organização tem apoiado as lutas armadas e não só. E quando dizemos isto, falamos baseados na experiência por nós próprios vivida.

P. — Como aprecia o desenvolvimento das novas teses do imperialismo em considerar os movimentos de libertação de «terroristas»?

M.S. — Sabe, o vidro é um objecto frágil, mas quando cai faz muito barulho. Penso que é correcto dizer em 1981, porque a história o mostra, que com arrogância nunca se produziram frutos em termos de relacionamento entre os Estados. Por outro lado penso que é também correcto dizer, em 1981, que não é o imperialismo quem pode dizer ao mundo o que é terrorismo. O imperialismo é ele próprio o fazedor do terrorismo.

Há gente que, para acreditar em si propria, precisa de se repetir muitas vezes. As acusações chamando os revolucionários de terroristas, não reflectem senão a incapacidade de impedir a liberdade dos povos.

Mas hoje ouvimos a saudação ao Congresso do Secretário-Geral do Partido Comunista dos Estados Unidos. Ele disse que não há limites para uma grande mentira. Penso que é correcto dizer, em 1981, que os povos não se deixam iludir. A administração americana pode continuar a gritar: de «terrorismo», mas nós sabemos quem são os terroristas. São eles que agridem El Salvador, Campuchea, Angola, Moçambique e outros povos. Todos esses grupos de bandidos estão a ser apoiados pelo imperialismo, principalmente o americano.

Em 1981 não vamos deixar-nos intimidar por declarações do imperialismo. As ameaças que o imperialismo faz contra Cuba e Nicarágua. Não vamos admitir a exportação da contra-revolução. É preciso que o imperialismo saiba e tenha sempre na memória — nós vamos vencer. O socialismo triunfará.